

UMA REFLEXÃO ACERCA DO TEXTO “SE EU FOSSE PINTOR...”

A REFLECTION ON THE TEXT “IF I WERE A PAINTER...”

Ednéia Aparecida Bernardineli Bernini¹

BERNINI, E. A. B. Uma reflexão acerca do texto “Se eu fosse pintor...”). **Akrópolis** Umuarama, v. 20, n. 1, p. 11-20, jan./mar. 2012.

RESUMO: Este artigo refere-se a uma pesquisa bibliográfica, com embasamento teórico, principalmente, em John R. Searle (1991,1999, 2000) e Chomsky (1998), tendo como objetivo refletir sobre aspectos da consciência humana, relacionando-a à crônica “Se eu fosse pintor...” de Cecília Meireles. Não é um trabalho Literário, mas da área de Educação e dos Estudos da Linguagem. Outra retomada é em relação à aquisição da linguagem e as contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes Curriculares de Educação Básica para a prática pedagógica. A análise revelou que as interferências externas são fatores determinantes para a efetivação de qualquer produto, seja um quadro, uma aula, uma pesquisa, uma investigação, um julgamento, visto estar a mente humana predisposta para a sua concretização..

PALAVRAS-CHAVE: Consciência humana, Linguagem, Crônica, Prática pedagógica.

ABSTRACT: This article refers to a literature review with theoretical background, especially in John R. Searle(1991.1999, 2000) and Chomsky (1998), aiming to reflect on aspects of human consciousness, relating it to the chronic “If I were a painter...” – Cecilia Meireles. There is a literary work, but the area of Education and Language Studies. Another is resumed in relation to language acquisition and the contributions of the National Curriculum and the Basic Education Curriculum Guidelines for pedagogical practice. The analysis revealed that external interference are crucial for the effectiveness of any product, be it a painting, a classroom, research, investigation, trial, since it is the human mind predisposed to achieve them.

KEYWORDS: Human consciousness, language, Chronic; Pedagogical practice.

¹Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Maringá/UEM. Atualmente é Professora da rede pública de educação básica do Paraná.

INTRODUÇÃO

Apresentamos neste texto reflexões sobre a crônica “Se eu fosse pintor...” escrita por Cecília Meireles (1983), doravante denominada de texto-objeto. Para ancorar teórica e metodologicamente, recorre-se a leituras e a conceitos desenvolvidos pelos seguintes autores: Chomsky (1998), Dale (1972), Proust (1989), Doyle (s/d) e, principalmente, Searle (1991, 1999, 2000), bem como a documentos oficiais como os Parâmetros curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008). Acrescentamos a esta reflexão a leitura do filme “12 homens e uma sentença (12 AngryMen)” (1957).

Ressaltamos que este trabalho não está relacionado às teorias literárias, apesar de partir de um texto literário, mas se relaciona à área de Educação e Linguagem, com reflexões educacionais e filosóficas, visto nos fundamentarmos, principalmente, em Chomsky e John R. Searle, limitando-nos a uma pesquisa bibliográfica.

A crônica “Se eu fosse pintor...” servirá como ponto de partida para outras reflexões, além dessa prática artística. Caminharemos por ‘areias movediças’ ao propormos discussões acerca de outras práticas, tais como: professor, pesquisador-cientista, membro de um júri de tribunal e detetive. Práticas tão distintas, mas as relacionaremos a aspectos estruturais da consciência humana, o que já justifica a relevância desta análise e reflexão.

Cabe destacar que este estudo tem por objetivo analisar a crônica “Se eu fosse pintor” e relacioná-la à consciência e à estrutura da mente humana. Em nosso texto-objeto, o narrador problematiza alguns planos que gostaria de pintar se fosse pintor. Aproveitaremos essa problematização para relacionarmos a aspectos teóricos dos autores supracitados e problematizarmos as outras práticas já mencionadas.

Este artigo será composto pela análise da crônica supracitada, subsidiada pelas teorias acerca da aquisição de linguagem e a aspectos estruturais da consciência humana. Em seguida são apresentadas reflexões, como exercício para a mente humana, sobre o ser pesquisador-cientista; o detetive, fazendo referência à criação de Conan Doyle (s/d) - Sherlock Holmes; o membro de um júri de tribunal, resgatando o filme “12 Homens e uma Sentença”(1957) e o professor.

A INTELIGIBILIDADE DE “SE EU FOSSE PINTOR...”

Inicialmente, apresentamos a crônica “Se eu fosse pintor...” de Cecília Meireles que servirá de ponto de partida para reflexões teóricas a cerca da aquisição de linguagem e a aspectos estruturais da consciência humana, bem como a outras propostas, além de pintor – Seu eu fosse professor, pesquisador-cientista, detetive, membro de um júri de tribunal; e do quadro desejado pelo narrador da crônica.

Quadro 1: *Se eu fosse pintor...* Cecília Meireles

Se eu fosse pintor...

Se eu fosse pintor começaria a delinear este primeiro plano de trepadeiras entrelaçadas, com pequenos jasmims e grandes campânulas roxas, por onde flutua uma borboleta cor de marfim, com um pouco de ouro nas pontas das asas.

Mas logo depois, entre o primeiro plano e a casa fechada, há pombos de cintilante alvura, e pássaros azuis tão rápidos e certos que seria impossível deixar de fixá-los, para dar alegria aos olhos dos que jamais os viram ou virão.

Mas o quintal da casa abandonada ostenta uma delicada mangueira, ainda com moles folhas cor de bronze sobre a cerrada fronde sombria, uma delicada mangueira, repleta de pequenos frutos, de um verde tenro, que se destacam do verde-escuro como se estivessem ali apenas para tornar a árvore um ornamento vivo, entre os muros brancos, os pisos vermelhos, o jogo das escadas e dos telhados em redor.

E que faria eu, pintor, dos inúmeros pardais que pousam nesses muros e nesses telhados, e aí conversam, namoram-se, amam-se, e dizem adeus, cada um com seu destino, entre a floresta e os jardins, o vento e a névoa?

Mas por detrás estão as velhas casas, pequenas e tortas, pintadas de cores vivas, como desenhos infantis, com seus varais carregados de toalhas de mesa, saias floridas, panos vermelhos e amarelos, combinados harmoniosamente pela lavadeira que ali os colocou. Se eu fosse pintor, como poderia perder esse arranjo, tão simples e natural, e ao mesmo tempo de tão admirável efeito?

Mas, depois disso, aparecem várias fachadas, que se vão sobrepondo umas às outras, dispostas entre palmeiras e arbustos vários, pela encosta do morro. Aparecem mesmo dois ou três castelos, azuis e brancos, e um deles tem até, na ponta da torre, um galo de metal verde. Eu, pintor, como deixaria de pintar tão gratuitos motivos?

Sinto, porém, que tudo isso por onde vão meus olhos, ao subirem do vale à montanha, possui uma riqueza invisível, que a distância abafa e desfaz: por detrás dessas paredes, desses muros, dentro dessas casas pobres e desses castelinhos de brinquedo, há criaturas que falam, discutem, entendem-se e não se entendem, amam, odeiam, desejam, acordam todos os dias com mil perguntas e não sei se chegam à noite com alguma resposta.

Se eu fosse pintor, gostaria de pintar esse último plano, esse último recesso da paisagem. Mas houve jamais algum pintor que pudesse fixar esse móvel oceano, inquieto, incerto, constantemente variável que é o pensamento humano?

Cecília Meireles

No decorrer da narração de “Se eu fosse pintor...”, o narrador projeta, idealiza a execução de um trabalho, neste caso, de um quadro, mas isso pode ser feito por todo e qualquer profissional. Por isso, aproveitando o mesmo discurso do narrador, poderíamos ter as seguintes asserções: “Se eu fosse professor...”; “Se eu fosse pesquisador/cientista...”; “Se eu fosse detetive”; “Se eu fosse membro de um júri de tribunal...” e tantas outras. A partir disso, quais seriam as idealizações e metas desses profissionais? Dessas perspectivas, que projeto, que planejamento ou caminho faríamos antes de uma aula, de uma pesquisa, de um julgamento, mediante tantas influências externas? Além disso, como a consciência “funciona” dentro dessas perspectivas?

As primeiras impressões que podemos apreender do texto-objeto são imagens exteriores, representações descritas, a maioria objetiva. Entretanto, os destaques observáveis na descrição não são os elementos objetivos que compõem a paisagem (as flores, os passarinhos, a borboleta, as casas, as árvores), todavia, a subjetividade que envolve esses elementos, pois, os pardais não são simples pássaros, mas “pardais que pousam nesses muros e nesses telhados, e

aí conversam, namoram-se, amam-se, e dizem adeus, cada um com seu destino, entre a floresta e os jardins, o vento e a névoa”.

Há, também, a subjetividade em representar o “pensamento humano”. No entanto, tudo não passa de descrição, o quadro não é concretizado, nem mesmo na descrição da realidade, ele é apenas imaginado, como um exercício da mente humana. E, através do desenvolvimento da narração, das descrições feitas, podemos projetá-lo, concretizá-lo em nosso pensamento.

E como podemos relacionar toda essa subjetividade com um modelo de aquisição de linguagem? De acordo com as explicações de Dale (1972) sobre o modelo de aquisição da linguagem, denominado por Chomsky de *LAD - Language Acquisition Device*, há uma relação a que ele designa de *input* e *output*, ou seja, o ser humano é capaz de captar do meio ambiente estímulos desorganizados, dispersos, incompletos e muito variados e sistematizá-los de forma organizada, num todo coerente. Esse todo coerente seria a finalização do quadro em uma paisagem, conforme descrições feitas.

Chomsky (1998, p. 19), em sua teoria sobre a aquisição da linguagem (LAD), apresenta a língua como sendo “o resultado da atuação recíproca de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência no qual o estado inicial será como um ‘dispositivo de aquisição da língua’ que toma a experiência como ‘dado de entrada’ e fornece a língua como um ‘dado de saída’”, ou seja, o *input* e o *output*, respectivamente.

Podemos dizer que esse mecanismo não ocorre apenas com a linguagem, pois, em nosso texto-objeto, os *inputs* do pintor são os planos que desejaria pintar, todos os detalhes, as observações externas que resultam no *output*, ou seja, no quadro final. Entretanto, é apenas imaginado pelo narrador, por isso, os *inputs* passam a ser, além da paisagem, também o desejo de pintar. Já os *outputs* são o texto descrito e as reflexões que são feitas acerca do quadro imaginário. Podemos perceber claramente a existência de um agente-observador no texto de Cecília Meireles que externaliza, por meio da linguagem escrita, uma impressão subjetiva da representação do quadro.

Apresentaremos, na próxima seção, os aspectos estruturais da consciência, segundo Searle (2000), relacionado-os ao texto-objeto, como um exercício de reflexão para a mente, expondo “algumas das coisas que a consciência

é” (SEARLE, 2000, p. 73). Porém, esses traços estruturais poderiam ser relacionados às demais funções que serão apresentadas, mas nos detemos à crônica “Se eu fosse pintor...”.

ASPECTOS ESTRUTURAIS DA CONSCIÊNCIA

Caracterizaremos, de acordo com Searle (2000, p. 73), os diferentes traços estruturais dos estados de consciência tendo por objeto a narração feita pelo agente observador do texto “Se eu fosse pintor...”.

São enumerados por Searle (2000) dez aspectos estruturais da consciência sendo o primeiro a subjetividade ontológica, assim a representação só existirá a partir do momento em que houver um agente-observador; em nosso caso, o narrador ou nós enquanto leitores da crônica. Assim, narrador ou leitor só externalizama representação se tiverem uma experiência anterior. É como se o narrador ou o leitor estivessem vendo a paisagem, independente de ela existir ou não.

Um segundo aspecto, referente à consciência, diz respeito a todos os diversos estímulos que chegam de forma unificada, num todo coerente. Em nosso texto-objeto, o narrador deseja representar os planos num quadro. Além disso, ele pode estar diante dessa paisagem. Devemos considerar que ao mesmo tempo em que ele a vê, ele também a admira, pode sentir o cheiro das flores ou, simplesmente, imaginá-la em seus diversos planos.

Podemos pensar ainda que esse narrador, por meio dos planos que narra, pode estar sentindo nostalgia ou, por não ser pintor e desejar pintar, poderia sentir raiva por não pintar o quadro. Há a predominância da visão na narração, pois os planos são apresentados com detalhes, tamanhos, cores. Nós, à medida que vemos, imaginamos esse quadro, as representações concretas e as abstratas, bem como acompanhamos as reflexões feitas pelo narrador e concretizamos esse texto.

Conforme Searle (2000, p. 74), a “capacidade de ligar todos os diversos estímulos que entram no (...) corpo por meio das extremidades sensoriais dos nervos e de uni-los em uma experiência conceitual unificada, coerente, é uma notável capacidade do cérebro.” E acrescenta que a “consciência nos dá acesso a um mundo diferente de nossos próprios estados conscientes” (SEARLE, 2000, p. 76) e, esta se relaciona

à intencionalidade, o terceiro aspecto. A consciência faz isso de dois modos: o cognitivo e o volitivo ou conato.

O modo cognitivo, na visão do narrador-observador, é a forma como ele conhece e reconhece o mundo real externo. O modo volitivo ou conato é como ele gostaria de representar, como ele gostaria que os planos fossem ou como está “tentando fazer com que se tornem” (SEARLE, 2000, p.76). O mesmo acontece conosco no momento da leitura ao compreendermos os planos descritos.

“O quarto traço estrutural da consciência é que todos os nossos estados conscientes nos vêm quando estamos com um determinado humor” (SEARLE, 2000, p. 76). No caso da descrição, há um humor envolvendo o narrador. Como Searle (2000) afirma, há um “sabor” nessa “experiência” de descrever o que desejaria pintar, “se fosse pintor”. Para nós leitores, também, há um humor ou sabor no ato da leitura e, muitas vezes, só nos tornamos conscientes disso quando há uma mudança drástica de humor. O nosso humor muda do início de um trabalho até a sua conclusão.

“O quinto aspecto dos estados conscientes é que [...] eles são sempre estruturados” (SEARLE, 2000, p.77). O cérebro estrutura os estímulos externos, mesmo que esses estejam degenerados. Conseguimos estruturar as representações dos vários planos descritos, como se o quadro realmente existisse, mesmo com as várias problematizações e reflexões feitas pelo narrador, “estruturamos nossas experiências conscientes em todos coerentes” (SEARLE, 2000, p.77).

“O sexto aspecto da consciência é que ela tem graus variados de atenção” (SEARLE, 2000, p.78). Com relação ao texto-objeto, podemos considerar a atenção do narrador, a princípio, no primeiro plano que, sucessivamente, vai se modificando conforme a narração. O mesmo acontece conosco, pois, nossa atenção ora se centra no trabalho de leitura, ora sofre interferências dos barulhos ao redor, ora com a dor que sentimos no corpo por ficarmos tanto tempo na mesma posição. De acordo com Searle (2000) esses graus variados de atenção são formas de “consciência periférica” e não inconsciência, pois podemos deslocar nossa atenção (SEARLE, 2000, p.78).

O sétimo aspecto é denominado por Searle de “condições fronteiriças da consciência”.

No momento em que a crônica “Se eu fosse pintor...” foi escrita, a autora tinha consciência do seu próprio posicionamento no espaço e no tempo. O mesmo ocorre para nós, leitores da crônica, pois estamos conscientes da época, do tempo, do local em que estamos; da mesma forma, temos consciência de quem somos e de nossa nacionalidade. No entanto, problemas patológicos de desorientação podem afetar este aspecto da consciência.

A familiaridade de nossas experiências conscientes é o oitavo aspecto. Em nosso texto-objeto, não temos nenhum problema, pois todas as representações são claras, objetivas e bastante familiares. Já os pintores surrealistas tentam romper esta familiaridade, mas, mesmo assim, há uma relação familiar com o que é representado, um relógio derretido ainda continua sendo um relógio; uma mulher, mesmo com cabeça de rosas (ambas obras de Salvador Dali), não deixa de ser uma mulher.

O transbordamento é o nono aspecto de nossos estados conscientes. O quadro narrado e suas representações descritivas fazem referência a coisas que estão além das nossas próprias experiências conscientes. Na crônica “Se eu fosse pintor...”, esta característica é bastante visível, faz-nos referência a um contexto bem maior, além das experiências vividas e/ou conhecidas por nós. A narração leva-nos a uma corrente de pensamentos, muito mais que as representações presentes no texto; por exemplo: “as velhas casas, pequenas e tortas (...)” fazem-nos lembrar outras casas e, no decorrer da narração, outros pensamentos surgem, integrando uma corrente de pensamentos.

O décimo e último aspecto estrutural da consciência apresentado por Searle concerne a qualquer experiência consciente ser prazerosa ou desprazerosa. Através da leitura do texto-objeto podemos perceber a sensação de prazer do narrador nos planos que conseguiria pintar e um leve desprazer em não poder pintar o “móvel oceano, inquieto, incerto, constantemente variável que é o pensamento humano (...)”, já que ele, talvez, não seja o único a não conseguir, pois, neste último plano, há um questionamento acerca dessa possibilidade. Essa experiência consciente de prazer ou desprazer também ocorre no ato da leitura, variável, portanto, em cada leitor.

O campo da consciência não deve ser visto como se ela “fosse feita de vários pedaços” (SEARLE, 2000, p. 79), tal como foi apresentado

anteriormente, pois, conforme este filósofo americano, “o cérebro pode conectar todos esses diversos elementos em uma única experiência consciente” (SEARLE, 2000, p. 80), tão grande é o potencial da mente humana.

Parodiando o título da crônica de Cecília Meireles faremos algumas reflexões com outras funções: pesquisador/cientista, detetive, membro do júri de um tribunal e professor, focalizando problematizações referentes a cada área. Assim como a leitura da crônica “Se eu fosse pintor...” é um exercício para a mente humana (e também foi em momento de escrita), nossas reflexões também são.

SE EU FOSSE PESQUISADOR/CIENTISTA...

De acordo com Proust (1989) são vários os problemas na busca pela verdade. Um deles é conseguir acessar dados, mesmo nos locais de difícil acesso, num esforço “totalmente material” e que “não será para o pensamento mais do que um passatempo charmoso” (PROUST, 1989, p. 36), com todas as influências externas tornando a “verdade surda aos apelos da reflexão e dócil ao jogo das influências [ou] uma verdade que se deixa copiar num carnê” (PROUST, 1989, p. 38).

Outro problema é ler “por ler, para reter o que leu” com um “espírito sem atividade original [que] não sabe separar nos livros a substância que poderia torná-lo mais forte” com um “respeito fetichista pelos livros” (PROUST, 1989, p.38). Há ainda a possibilidade de utilizar as citações de livros apenas como exemplos e alusões inconscientes.

No entanto, “se eu fosse pesquisador...”, os caminhos citados não seriam os melhores a serem trilhados, mas evitados. Qual seria então, o melhor a fazer?

De acordo com Proust, o pesquisador não deve utilizar os dados e as verdades como um fim em si mesmo, esses devem ser analisados, o pesquisador deve atuar sobre os dados. O verdadeiro pesquisador/cientista tem um espírito em atividade original que sabe separar nos livros a substância que pode torná-lo mais forte, e essa será para o pesquisador um princípio de vida e não “um corpo estranho” (PROUST, 1989, p.38), um princípio de morte. O pesquisador poria todo o potencial de sua mente e os aspectos estruturais da consciência para a pesquisa.

SE EU FOSSE DETETIVE...

A postura do detetive, investigador, tal como reconhecemos na criação de Conan Doyle (s/d), Sherlock Holmes, é de utilizar as provas materiais (*inputs*), construindo o conhecimento (*output*) no resultado final do processo de investigação. Assim, o que se espera de um detetive?

“Se eu fosse detetive...” comporta um ser com mais curiosidade, tranquilidade, disciplina, imaginação criadora, além de ótima bagagem de conhecimentos relevantes. E, como Doyle apresenta em suas obras, teria ideias um pouco excêntricas e seria entusiasta por alguns ramos da ciência e, ainda, teria uma paixão pelo conhecimento definido e exato, perto da insensibilidade, com a capacidade de observação e de dedução, utilizando-se do potencial que é a mente humana.

SE EU FOSSE MEMBRO DE UM JÚRI DE TRIBUNAL...

Tendo como embasamento o filme “12 Homens e uma Sentença”(1957) agiria como os onze homens que, inicialmente, votaram condenando o réu, ou como aquele sujeito-observador que duvidou dos dados materiais, não se deixando influenciar pela subjetividade? Como podemos constatar no filme, são várias as posturas dos homens que tinham uma grande decisão a tomar, decidir sobre a condenação ou não de um jovem rapaz à morte. Facilmente convencidos pela acusação e pelas “provas materiais”, onze homens votam pela acusação do rapaz, no entanto, precisavam da unanimidade para encerrar o julgamento. Quando chega o momento de decidir o destino do rapaz, as diversas personalidades dos jurados começam a se manifestar, inicialmente com má vontade ou com vontade de irem embora logo para suas casas.

Mas todo o processo é revisto por eles, a princípio, com a finalidade de convencer apenas um que votara contra, mas o contrário acontece, pois este utiliza os dados que possuíam e retomam o caso, investigando todas as provas que incriminavam o rapaz, e que não eram totalmente convincentes. Trancados, dentro de uma sala, reveem tais provas (*inputs*) para ao final declararem a sentença (*output*).

A situação geral inicial foi se modificando diante das provas materiais apresentadas, pois um deles, o mais observador, não se dei-

xou influenciar pela subjetividade na análise das provas materiais e, aos poucos, foi constatando que tais dados não eram tão indiscutíveis e que havia falhas nessas provas. Os onze homens vão sendo convencidos aos poucos de que tais provas não eram tão claras. Eles não afirmam ser o rapaz inocente, mas ele não é condenado por unanimidade à pena de morte.

Todos os doze homens utilizam-se do “pano de fundo” (SEARLE, 2000, p. 102) que possuíam para decidirem e votarem, ou como Searle afirma, foram direcionados pela intencionalidade, ou seja, por todos os processos mentais (conscientes ou inconscientes) e que se referem ao mundo fora da nossa mente. Assim, cada membro do júri possui “um conjunto de capacidades e pressuposições que lhe permite lidar com o mundo” (SEARLE, 2000, p.102). É esse conjunto de capacidades, habilidades, tendências, hábitos, disposições, pressuposições admitidas e *know-how* que Searle denomina de forma genérica de “pano de fundo” (SEARLE, 2000, p.103). Por isso, todos os nossos estados intencionais (e do júri), todas as crenças, esperanças e medos “só funcionam da maneira que funcionam [...] se consideradas contra um Pano de Fundo de *know-how* que [...] permita lidar com o mundo” (SEARLE, 2000, p. 103).

SE EU FOSSE PROFESSOR...

O que faria um professor em uma aula com os estímulos externos dispersos (*input*) para transformá-los em conhecimento organizado (*output*)? A aula é um dos degraus do processo de sistematização do conhecimento, em que o “aluno é sujeito de seu processo de aprendizagem, enquanto o professor é o mediador na interação dos alunos com os objetos do conhecimento” (BRASIL, 1997, p. 93).

Salientamos que a aula é “um dos degraus” e que o professor é “um dos mediadores” deste processo. Diferentes são os degraus e muitos são os mediadores intrínsecos e extrínsecos que envolvem o processo de ensino/aprendizagem. Estes degraus e mediações envolvem uma política não somente na educação, mas atitudes que atinjam os problemas socioeconômicos dos mais diversos, vividos, tanto por alunos quanto por professores.

Na ótica das Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008, p. 50), “o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa visa

aprimorar os conhecimentos linguísticos e discursivos dos alunos, para que eles possam compreender os discursos que os cercam e terem condições de interagir com esses discursos.”

Reforçamos que da mesma forma que o pesquisador não deve utilizar os dados e as “verdades” como um fim em si mesmo, o professor também não deve utilizar os materiais, os conteúdos (*inputs*) como um fim em si mesmo. Assim, em que sentido essas verdades não são um fim em si mesmas? A partir do momento em que professor e alunos atuam sobre esses conteúdos, por meio de atividades interacionistas, construindo o conhecimento (*output*).

O professor, diante de uma situação geral, pode contestar as “verdades” que lhe são impostas (o livro didático, as normas e regras da instituição escolar, os parâmetros e as diretrizes curriculares), assim como um dos doze homens do filme, “Doze Homens e uma Sentença”, contestou. Mesmo que um dos problemas esteja no sistema vigente que delimita o universo, o posicionamento, a atuação, como um desafio incessante para o profissional da educação.

Neste processo de atuação interacionista e de contestação, o “pano de fundo” (SEARLE, 2000, p. 103) que envolve professor e aluno é fundamental, assim como para o pesquisador/cientista, para o detetive, para o membro de um júri de tribunal, para demais atuantes em que a “capacidade para o pensamento e o comportamento racionais é em sua maior parte uma capacidade de Pano de Fundo” (SEARLE, 2000, p. 104).

Assim como Sherlock Holmes (personagem criado por Doyle), John Searle, Noam Chomsky (também o professor, o pintor, o júri de um tribunal) utilizam-se (ou deveriam utilizar, pois a realidade limita muitos profissionais) de conhecimento teórico, de pesquisa científica, através da história da ciência, direcionando para a resolução de problemas, conduzindo para novas pesquisas, realizações, análises, construção do conhecimento.

Outro aspecto relevante é que, assim como Sherlock Holmes, enquanto detetive vive a ciência e não simplesmente lê sobre ciência, cabe ao professor (e aos envolvidos neste processo educacional) o compromisso de utilizar as suas leituras (o seu Pano de Fundo) e transformá-las para o momento de interação em aula, como um “princípio de vida” (PROUST, 1989, p. 38) em que, muitas vezes, teorias têm de ser re-

vistas, fugindo de modelos prontos, como uma “verdade surda aos apelos da reflexão” como um “princípio de morte” (PROUST, 1989, p. 38).

Além disso, em todos os casos (pesquisador/cientista, detetive, pintor, júri de um tribunal, professor e tantos outros não abordados nesta reflexão) há a interferência, além da objetividade, também de subjetividade nas realizações, seja uma pesquisa, uma investigação, um quadro, um julgamento, uma aula. Um exemplo é que para professores e alunos, uma aula pode transformar-se em um “ídolo móvel” (PROUST, 1989, p.38) ou uma realidade em processo, em movimento em que os interactantes, não apenas o professor, e essas interferências façam a diferença.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 1999) em que estas se organizam em fundamentos estéticos, políticos e éticos cuja prática administrativa e pedagógica é norteada pela sensibilidade, igualdade e identidade.

A estética da sensibilidade “estimula a **criatividade**, o **espírito inventivo**, a **curiosidade pelo inusitado**, a **afetividade**, para facilitar a constituição de identidades capazes de **suportar a inquietação**, **conviver com o incerto**, o **imprevisível e o diferente**” (BRASIL, 1999, p.75, grifos originais). Por meio dessa proposta espera-se atingir o alunado, mas, para isso, espera-se do professor também essas predisposições e, não somente destes, mas que sejam oferecidas condições para isso.

A política da igualdade é o segundo fundamento dessas diretrizes. “Seu ponto de partida é o reconhecimento dos direitos humanos e o exercício dos direitos e deveres da cidadania, como fundamento da preparação do educando para a vida civil” (BRASIL, 1999, p.76). Para atingir o educando o professor precisa incorporar uma política de igualdade que combata todas as formas de preconceito e discriminação, e que promova e participe de atividades solidárias.

O terceiro fundamento é a ética da identidade. “Essa ética **se constitui a partir da estética e da política, e não por negação delas. Seu ideal é o humanismo de um tempo de transição**” (BRASIL, 1999, p. 78). Essa ética se expressa por um permanente “reconhecimento da identidade própria e do outro” (p.79); reconhecimento da identidade do professor e dos alunos por parte de todos os envolvidos neste

processo educacional.

Pudemos constatar que esses fundamentos defendidos pelos PCN requerem um profissional da educação que incorpore algumas mudanças e as consequências dessa posição. Além disso, diante dessa proposta “se eu fosse professor...” exigiria uma postura, em que “o professor deixa de ser uma ilha ao interagir com os colegas em busca de um projeto coletivo” (BRASIL, 1999, p.192). Esse profissional da educação interacionista tem de ser pintor, pesquisador/cientista, detetive, júri.... E, será que, mediante tantos descasos, visíveis em nossa sociedade em relação à educação, o sistema educacional está preparado e está dando condições a esse profissional? Ou é apenas mais um dos descasos a ser desconsiderado?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, diante de tudo que até aqui discutimos, tanto o narrador/pintor, o pesquisador/cientista, o detetive, o membro de um júri de tribunal, como o professor se deparam com situações problemas, principalmente ao considerarmos o “Pano de Fundo” (Searle, 2000, p. 102) e as interferências externas e, por isso, “demanda conhecimento, participação, disponibilidade, interesse profissional” (BRASIL, 1999, p. 192), por meio de pesquisa, formação teórica, reflexão, trabalho sistematizado e predisposição para solucionar o objeto-problema, seja ele um quadro, ou um livro, ou uma pesquisa, ou uma investigação de um crime, ou uma aula. Mas, cabe ressaltar que é necessária uma condição externa que garanta essa realização desse objeto-problema. Essas condições externas são fatores determinantes para essa efetivação, pois a mente humana está predisposta a essa resolução.

Cada um deles, em sua respectiva área, possui um dado material (input), ou melhor, dados dispersos, caóticos, que lhes caberão explicitar, sistematizar, construir conhecimento (*output*), indo sempre além dos dados iniciais e que, por meio de reflexões, resultam em dados consistentes, em “inteligibilidade” (SEARLE, 2000, p. 11).

Relacionando os casos abordados (narrador/pintor, pesquisador/cientista, detetive, membro de júri de tribunal e professor) aos aspectos estruturais da consciência, parece-nos conveniente ressaltar, utilizando as palavras do

próprio Searle, que “tudo que é importante é importante em relação à consciência” (SEARLE, 2000, p. 82).

Independentemente das escolhas a serem trilhadas, podemos afirmar que todos – pesquisador, detetive, jurado, professor – terão problemas (intrínsecos e extrínsecos) e, conforme a filosofia de Sherlock Holmes, “todos os problemas se tornam infantis, depois de explicados”. A questão está em como solucioná-los ou pelo menos, amenizá-los, se consideramos as condições externas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos PCNs/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação, Secretaria e Educação Média e Tecnológica. **PCNs: ensino médio/ Brasília: Ministério da Educação, 1999.**

CHOMSKY, N. Primeira palestra/Discussões. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Unb, 1998.

DALE, P. Na innatecapacity for language? In: _____. **Language, development, structure and function**. Hinsdale, Illinois, The Dryden Press, Inc. 1972.

DOYLE, C. A ciência da dedução. In: _____. **O signo dos quatro**. Tradução Hamilcar de Garcia. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--], p. 15-24.

MEIRELES, C. Se eu fosse pintor... In: **Janela mágica - crônicas**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1983.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares da educação básica: língua portuguesa**. SEED, 2008.

PROUST, M. **Sobre a leitura**. Tradução Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1989.

SEARLE, J. R. The mind-body problem. In: **Author minds, brains and science**. New York: Penguin Books, 1991.

_____. **Mind, language and society: philosophy in the real world**. New York: Basic Books,

1999.

_____. **Mente, linguagem e sociedade:** filosofia no mundo real. Tradução F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

12 HOMENS E UMA SENTENÇA. Direção de Sidney Lumet, História e roteiro de Reginald Rose. Estados Unidos: 1957. 1 filme (96min).

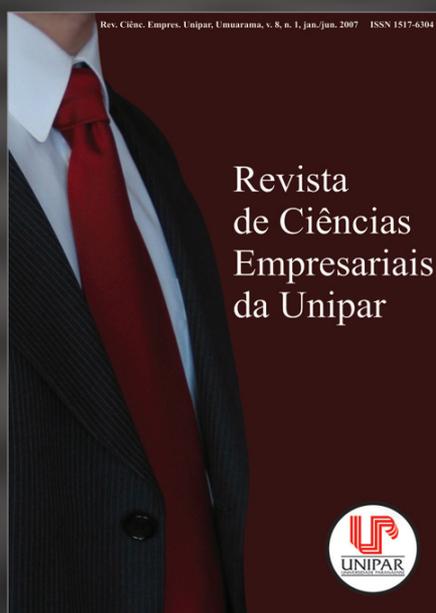
UNA REFLEXIÓN SOBRE EL TEXTO “SI YO FUERA PINTOR...”

RESUMEN: Este artículo se refiere a una investigación bibliográfica, con fundamento teórico, principalmente, en John R. Searle (1991,1999, 2000) y Chomsky (1998), con el objetivo de reflexionar sobre aspectos de la conciencia humana, relacionándola a la crónica “Si yo fuera pintor...” de Cecilia Meireles. No es un estudio literario, sino relacionado al área de la Educación y de los Estudios del Lenguaje. Otra reanudación es en relación a la adquisición del lenguaje y las contribuciones de los Parámetros Curriculares Nacionales y de las Directrices Curriculares de Educación Básica para la práctica pedagógica. El análisis reveló que las interferencias externas son factores determinantes para la efectividad de cualquier producto, sea una pintura, una clase, una investigación, un juicio, visto estar la mente humana predispuesta a su concretización.

PALABRAS CLAVE: Conciencia humana; Lenguaje; Crónica; Práctica pedagógica.

Arquivos de Ciências Empresariais da Unipar

ISSN 1517-6304



- **Publica trabalhos referentes às áreas de Ciências Contábeis, Administração e Economia.**
- **Periodicidade: Semestral**
- **e-mail: rcempresariais@unipar.br
<http://revistas.unipar.br/empresarial>**

O CONHECIMENTO NÃO É NADA SE NÃO FOR COMPARTILHADO

